

Cadernos Espinosanos



ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 39 jul-dez 2018 ISSN 1413-6651

IMAGEM Detalhe de *As ruelas de Delft* pintada por Johannes Vermeer em 1658.

ÊTRE APTE CHEZ SPINOZA : ENTRE REFUS DE LA
TÉLÉOLOGIE CLASSIQUE ET AUTO-ORGANISATION

SER APTO SEGUNDO ESPINOSA: ENTRE A RECUSA DA
TELEOLOGIA CLÁSSICA E A AUTO-ORGANIZAÇÃO*

Vincent Legeay

Doutorando, Université Paris 1 – Panthéon-Sorbonne,

Paris, France

vincent.legeay@gmail.com

* Texto traduzido pelo professor Luís César Oliva (Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil; lcoliva@uol.com.br)

ABSTRACT: L'article entend montrer qu'à partir d'une conceptualité classique, héritée de Descartes, Spinoza parvient à contrer l'argument cartésien de liberté et l'argument aristotélicien du finalisme par une structure théorique impossible à classer à son époque, faisant penser à une tentative de formaliser l'auto-organisation comme le fondement de l'intentionnalité. À partir d'une analyse du texte spinoziste et sa compréhension de la *contrainte*, l'article entend montrer que la reprise d'un certain nombre de notions et de termes entourant ce thème ont été redispuestos par Spinoza afin de solutionner un problème nouveau, invisible avant lui.

MOTS-CLÉS: Contrainte, aptitude, accommodement, notion commune, finalité, conscience, intention.

RESUMO: O artigo pretende mostrar que, a partir de uma conceituação clássica, herdada de Descartes, Espinosa consegue contrapor-se ao argumento cartesiano da liberdade e ao argumento aristotélico do finalismo por meio de uma estrutura teórica impossível de classificar em seu tempo, remetendo a uma tentativa de formalizar a auto-organização como fundamento da intencionalidade. Com base em uma análise do texto espinosano e sua compreensão da *coerção*, o artigo pretende mostrar que um certo número de noções e termos que cercam esse tema foram reposicionados por Espinosa para resolver um problema novo, invisível antes dele.

PALAVRAS-CHAVE: coerção, aptidão, acomodação, noção comum, finalidade, consciência, intenção.

Dans la lettre 58 à Schuller, Spinoza évoque un facteur de contrainte naturelle s'exerçant sous la forme d'une « *persistance* au mouvement » (*permanentia in motu*), expression empruntée à la physique cartésienne, dont la reprise ici sert précisément à contrer le philosophe français pour ce qui concerne sa conception du libre-arbitre ou de la liberté comme simple “ conscience ” psychique. L'attaque est bien connue, elle vise une philosophie classique (c'est-à-dire moderne) de la liberté, et un argument non moins classique (c'est-à-dire ancien) de la finalité.

Or, l'argument, fondé sur la *persistance* ou *permanence* de la *contrainte* dans la chose n'est cependant présenté directement ni comme l'expression d'un nécessitarisme absolu, ni comme un outil de guerre anti-finaliste:

Concevons une chose très simple : une pierre par exemple reçoit d'une cause extérieure qui la pousse, une certaine quantité de mouvement et, l'impulsion de la cause extérieure venant à cesser, elle continuera à se mouvoir nécessairement. Cette persistance de la pierre dans le mouvement est une contrainte [*Haec igitur lapidis in motu permanentia coäcta est*], non parce qu'elle est nécessaire, mais parce qu'elle doit être définie par l'impulsion d'une cause extérieure [*non quia necessaria; sed quia impulsu causae externae definiri debet*]

Et ce qui est vrai de la pierre il faut l'entendre de toute chose singulière, quelle que soit la complexité qu'il vous plaise de lui attribuer, si nombreuses que puissent être ses aptitudes [*quantumvis illa composita, & ad plurima apta esse concipiatur*], parce que toute chose singulière est nécessairement déterminée par une cause extérieure à exister et à agir d'une certaine manière déterminée [*determinatur ad existendum, & operandum certâ, ac determinatâ ratione*]. (SPINOZA, 1953, lettre 58)¹

1 La traduction est celle d'Appuhn. Elle n'est pas complètement littérale, mais balise tout à fait bien, comme nous allons le voir, le type de problématique à l'œuvre dans ce texte.

Na carta 58 a Schuller, Espinosa evoca um fator de coerção natural exercendo-se na forma de uma “*persistência no movimento*” (*permanentia in motu*), uma expressão emprestada da física cartesiana, cuja retomada aqui serve justamente para contrapor-se ao filósofo francês no que diz respeito à sua concepção do livre arbítrio ou da liberdade como simples “consciência” psíquica. O ataque é bem conhecido, e visa a uma filosofia clássica (isto é, moderna) da liberdade e a um argumento não menos clássico (isto é, antigo) da finalidade.

Ora, o argumento, fundado na *persistência* ou *permanência* da *coerção* na coisa, não é, contudo, apresentado diretamente como a expressão de um necessitarismo absoluto, nem como uma ferramenta de guerra antifinalista:

Concebamos uma coisa bem simples: uma pedra, por exemplo, recebe de uma causa exterior que a impulsiona uma certa quantidade de movimento e, vindo a cessar a impulsão da causa exterior, ela continuará a mover-se necessariamente. Esta persistência da pedra no movimento é uma coerção [*Haec igitur lapidis in motu permanentia coacta est*], não porque seja necessária, mas porque deve ser definida pela impulsão de uma causa exterior [*non quia necessaria; sed quia impulsu causae externae definiri debet*].

E o que é verdadeiro sobre a pedra é preciso entendê-lo de toda coisa singular, qualquer que seja a complexidade que se queira atribuir-lhe, por mais numerosas que possam ser suas aptidões [*quantumvis illa composita, & ad plurima apta esse concipiatur*], porque toda coisa singular é necessariamente determinada por uma causa externa a existir e a agir de uma certa maneira determinada [*determinatur ad existendum, & operandum certa, ac determinatâ ratione*] (SPINOZA, 1953, carta 58)¹.

1 Seguimos a tradução de Appuhn. Ela não é completamente literal, mas baliza muito bem, como veremos, o tipo de problemática em operação neste texto.

Une triade conceptuelle explicite et soulignée nous intéresse tout particulièrement ici. D’abord, la contrainte n’est pas l’expression stricte d’une nécessité, mais l’expression d’un référentiel extérieur, celle-ci agit comme un *facteur* valable dans tous les cas de persistance au mouvement, et plus précisément, dans tous les cas où l’aptitude est concernée. Ajoutons d’emblée que la contrainte, définie précisément comme une persistance au changement rapportée à une cause extérieure, est un facteur tout à fait *quantifiable*. En effet, Spinoza précise dans le chapitre 32 de l’appendice à la quatrième partie de l’*Ethique* :

Mais la puissance de l’homme est extrêmement limitée, et **infiniment** surpassée par la puissance des causes extérieures [*a potentia causarum externarum infinite superatur*] ; et par suite nous n’avons pas le pouvoir absolu [*potestatem absolutam*] d’adapter à notre usage les choses qui sont hors de nous [*ad nostrum usum aptandi*]². (SPINOZA, 2014, p.477)

La contrainte qui s’exerce sur les individus est donc rigoureusement infinie, et empêche l’individu de transformer les choses extérieures selon ses fins propres d’une façon absolue (ce qui n’empêche pas qu’il le puisse d’une façon relative néanmoins)³. C’est le second élément de cette triade : l’individu très *apte*, dont le *nombre* des aptitudes peut être très important, sera concerné également par cette contrainte infinie, voire même – précisément parce qu’il est plus *en rapport* avec l’extériorité – plus concerné par la contrainte que les autres individus. On trouve ici donc un double élément de quantification : les aptitudes, dont l’augmentation est souhaitable, doivent être en nombre indéfini, et entretenir un rapport favorable

2 Traduction de Bernard Pautrat. Nous surlignons,

3 Pour une étude approfondie de la notion d’*adaptation* dans le texte de l’*Ethique* et de ses liens avec la thématique de l’*accommodatio*, voir l’article d’Ariel Suhamy (2018) « Les Accommodements raisonnables de Spinoza » auquel nous nous permettons de renvoyer.

Uma tríade conceitual explícita e sublinhada nos é de particular interesse aqui. Primeiro, a coerção não é a expressão estrita de uma necessidade, mas a expressão de um referencial externo; ela age como um *fator* válido em todos os casos de persistência no movimento, e mais precisamente, em todos os casos em que a aptidão está em causa. Acrescentemos antes de tudo que a coerção, definida precisamente como uma persistência na mudança referida a uma causa externa, é um fator *quantificável*. De fato, Espinosa afirma no capítulo 32 do apêndice à quarta parte da *Ética*:

Mas a potência humana é bastante limitada e **infinitamente** superada pela potência das causas externas [*a potentia causarum externarum infinite superatur*]; e por isso não temos um poder absoluto [*potestatem absolutum*] de adaptar para nosso uso as coisas que estão fora de nós [*ad nostrum usum aptandi*]². (ESPINOSA, 2015, p.513)

A coerção exercida sobre os indivíduos é, portanto, rigorosamente infinita, e impede que o indivíduo transforme as coisas externas de acordo com seus próprios fins de maneira absoluta (o que não impede, entretanto, que possa fazê-lo de maneira relativa)³. Eis o segundo elemento dessa tríade: o indivíduo muito *apto*, cujo *número* das aptidões pode ser muito importante, também será concernido por essa coerção infinita, ou até mesmo – precisamente porque ele está mais *em relação* com a exterioridade – mais concernido pela coerção do que os outros indivíduos. Assim, encontramos aqui um duplo elemento de quantificação: as aptidões, cujo aumento é desejável, devem ser em número indefinido e manter uma relação favorável

2 Tradução do Grupo de Estudos Espinosanos (EDUSP). Os negritos são nossos.

3 Para um estudo aprofundado da noção de *adaptação* no texto da *Ética* e de seus laços com a temática da *accommodatio*, ver o artigo de Ariel Suhamy “Les Accommodements raisonnables de Espinosa” em nossa obra *L’Essance Plastique*, Publications de la Sorbonne, Paris: 2018, à qual remetemos.

avec cette contrainte infinie.

Ce passage complémentaire définit le *sens* du rapport aptitude/contrainte évoqué dans la lettre à Schuller : l'individu, aussi apte qu'il soit, parce qu'il est toujours en rapport avec un environnement *infiniment* plus puissant, est contraint à une relation " unidirectionnelle " vis à vis de celui-ci : il sera toujours beaucoup plus adapté *selon* la Nature que la Nature *selon* lui. Le *sens* du problème de la contrainte est lié au caractère asymétrique de la relation : aptitude indéfinie contre contrainte infinie, dans tous les cas l'individu est « infiniment surpassé ». La contrainte joue le rôle théorique de *facteur* quantitatif expliquant l'accumulation d'affections utiles, mais également le rôle de *référentiel* : c'est toujours à la Nature que doivent *in fine* se *ré-férer* l'ensemble des changements individuels.

Le nom global de ce *rapport* est donné ailleurs par Spinoza : il s'agit de l'accommodement. Or, c'est le troisième élément théorique à retenir : ce rapport peut en toute rigueur être qualifié de complexe, parce qu'il décrit une relation non-linéaire : asymétrie entre un individu dont les aptitudes sont *finies* face à un contexte *infiniment* contraignant, exprimant un nombre non-proportionnel de sollicitations et d'affections résultantes.

Toute la question est de savoir si, dans la transposition de la pierre à la nature humaine, de l'accommodement tout à fait simple à l'accommodement complexe, le processus dont traite l'aptitude ne pourrait pas changer de référentiel, et être dit *intentionnel* dans un sens à la fois non finaliste et non trivial. Autrement dit, comment Spinoza parvient-il à mener sa double réfutation de l'argumentation classique tout en proposant une forme d'auto-organisation affective *inclassable*, car impossible à envisager selon le cadre théorique de ses contemporains?

En effet, la lettre à Schuller, complétée par les mentions quantifiées de l'appendice à la quatrième partie, et transposée au niveau des individus composés comme Spinoza y invite, pose un problème tout à fait massif : l'individu très composé, précisément parce qu'il accroît ses aptitudes,

com essa coerção infinita.

Essa passagem complementar define o *sentido* da relação aptidão/coerção evocada na carta a Schuller: o indivíduo, por mais apto que seja, por estar sempre em relação com um ambiente *infinitamente* mais potente, é coagido a um relacionamento “unidirecional” com respeito a este: ele será sempre muito mais adaptado *conforme* a natureza do que a natureza *conforme* ele. O *sentido* do problema da coerção está relacionado à natureza assimétrica da relação: aptidão indefinida contra coerção infinita, em todos os casos o indivíduo é “infinitamente ultrapassado”. A coerção desempenha o papel teórico de *fator* quantitativo que explica a acumulação de afecções úteis, mas também o papel de *referencial*: é sempre à Natureza que, *in fine*, o conjunto das mudanças individuais deve *referir-se*.

O nome geral desta *referência* [rapport] é dado em outro lugar por Espinosa: trata-se da *acomodação*. Ora, este é o terceiro elemento teórico a reter: esta referência pode com todo rigor ser qualificada como complexa, porque descreve uma relação não-linear: assimetria entre um indivíduo cujas aptidões são *finitas* face a um contexto *infinitamente* coercivo, expressando um número não proporcional de solicitações e afecções resultantes.

A questão toda é saber se, na transposição da pedra para a natureza humana, da acomodação integralmente simples para a acomodação complexa, o processo de que trata a aptidão não poderia mudar de referencial, e ser dito *intencional* num sentido ao mesmo tempo não finalista e não trivial. Em outras palavras, como Espinosa consegue realizar sua dupla refutação da argumentação clássica ao mesmo tempo em que propõe uma forma de auto-organização afetiva *inclassificável*, visto que impossível de visualizar de acordo com o quadro teórico de seus contemporâneos?

De fato, a carta a Schuller, complementada pelas menções quantificadas do apêndice à quarta parte, e transposta para o nível dos indivíduos compostos como Espinosa nos convida a fazer, coloca um enorme problema: o indivíduo assaz composto, precisamente porque que ele aumenta

est d'autant plus contraint qu'il se rend apte; *ie* : d'autant plus référencé aux circonstances extérieures qu'il les fréquente. Mais inversement, plus il est apte, moins il semble dépendant des circonstances extérieures puisque capable de s'accommoder à *toutes* les situations (grâce aux notions communes, qui permettent *in fine* de le rendre " conscient de Dieu, de lui-même et des choses "). Comment solutionner cette apparente contradiction ? De même, si la Nature est le référentiel de l'accommodement, et non l'homme le *réfèrent* de l'adaptation, le processus d'accommodement semble aussi " aveugle " que celui qui entraîne la pierre (consciente de sa chute mais impuissante face à elle), c'est à dire apparemment finalisé mais *de facto* tout à fait contraint. Or l'individu apte se démarque par une *réelle* conscience de la contrainte, c'est-à-dire par un pouvoir réel et *intentionnel* de s'accommoder à la nature. Ne pourrait-on pas dire, dans un sens tout à fait rigoureux, que l'individu spinoziste persiste dans le changement parce qu'il sait *s'adapter*, c'est à dire parce qu'il sait indexer selon des avantages propres (comme l'*aptari* de l'usage des choses extérieures à ses propres fins, mais sous la forme d'une transformation intérieure) une contrainte qui lui échappe totalement de prime abord?

I. LA CONTRAINTE *INFINIE* : FACTEUR ET RÉFÉRENTIEL

Nous avons dit que la contrainte devait jouer le rôle d'un facteur. Il faut nous expliquer sur ce terme, puisqu'il ne peut s'agir simplement de dire que cette contrainte est infinie, donc omniprésente. Il faut aussi qu'elle soit *effective* dans la formation des aptitudes. Nous employons le terme " facteur ", autant que possible, avec rigueur, c'est à dire dans le premier sens qui lui est donné par le dictionnaire Larousse : comme " agent, élément qui concourt à un résultat; cause ".

Cette définition simple est précisément *classique* au sens cartésien (Descartes utilise régulièrement le terme de *concours* pour parler de physique; il en existe par exemple 4 occurrences dans le *Discours de la Mé-*

suas aptidões, é tanto mais coagido quanto mais se torna apto; isto é: tanto mais referido às circunstâncias externas quanto mais as frequenta. Porém, inversamente, quanto mais apto ele é, menos ele parece dependente das circunstâncias externas, já que é capaz de se adaptar a *todas* as situações (graças às noções comuns, que o fazem *in fine* “consciente de Deus, de si mesmo e das coisas”). Como resolver esta aparente contradição? Da mesma forma, se a Natureza é o referencial da acomodação, e não o homem o *referente* da adaptação, o processo de acomodação parece tão “cego” quanto aquele que arrasta a pedra (consciente de sua queda, mas impotente face a ela), isto é, aparentemente finalizado, mas *de fato* totalmente coagido. Ora, o indivíduo apto se destaca por uma *real* consciência da coerção, isto é, por um poder real e *intencional* de se acomodar à natureza. Não poderíamos dizer, num sentido bastante rigoroso, que o indivíduo espinosano persiste na mudança porque sabe *adaptar-se*, isto é, porque sabe indexar de acordo com seu próprio benefício (como o *aptari* do uso de coisas externas aos seus próprios fins, mas sob a forma de uma transformação interior) uma coerção que à primeira vista lhe escapa completamente?

I. A COERÇÃO INFINITA: FATOR E REFERENCIAL

Dissemos que a coerção devia desempenhar o papel de um fator. Precisamos explicar este termo, pois não se trata simplesmente de dizer que essa coerção é infinita, portanto onipresente. Também é preciso que ela seja *efetiva* na formação das aptidões. Usamos o termo “fator”, tanto quanto possível, com rigor, ou seja, no primeiro sentido dado pelo dicionário Larousse: como “agente, elemento que concorre para um resultado; causa”.

Esta definição simples é precisamente *clássica* no sentido cartesiano (Descartes usa regularmente o termo *concurso* para falar de física; há, por exemplo, 4 ocorrências dele no *Discurso do Método*), e se coaduna perfei-

thode), et cadre tout-à-fait avec le double aspect de la contrainte établi par Spinoza dans la septième définition de la première partie de l'*Ethique*, la contrainte se disant d'une chose déterminée par une autre chose extérieure [*ab alio determinatur*] (appelons cela l'aspect *référentiel* de la contrainte que nous avons déjà pointé) d'une part, et déterminée à exister et opérer d'une façon précise et déterminée [*ad existendum, et operandum certa, ac determinata ratione*] d'autre part (appelons cela l'aspect *opérationnel* de la contrainte, que nous allons développer). La contrainte est doublement opérationnelle au sens où elle est, selon la définition spinoziste, à la fois cause et résultat de la détermination. Si l'on relit ce passage en effet, la contrainte est la détermination d'une chose extérieure sur une autre chose à opérer d'une façon déterminée⁴. La notion d'opération possède une histoire théorique qu'il serait trop long de faire ici. Elle remonterait probablement jusqu'à Aristote et sa notion de ποιησις, ou, de façon plus proche pour Spinoza, jusqu'à Thomas d'Aquin. Cette seconde histoire théorique montrerait, entre autre, que l'héritage conceptuel de l'*aptitudo* est celui d'une reprise de l'*operatio* scolastique dépourvue de son schème thomiste de ressemblance à Dieu, mais exploitée dans –voire taillée pour – cette structure causale nouvelle, infiniment contraignante⁵.

4 Cette double détermination contenue par la définition de la contrainte est interprétée par Pierre Macherey (1996, p. 730, comme une surdétermination. Nous ne pouvons pas être plus d'accord avec une telle analyse. Au fond, l'ensemble de cet article se propose de préciser ce qu'est cette sur détermination.

5 Voir Aquin, 2008, p. 69. Nous modifions légèrement la traduction pour «coller» au texte plus littéralement. Nous surlignons. Nous modifions dans le sens du rétablissement complet du balancement comparatif qui est tout à fait net dans le texte. Et nous modifions la traduction du *aptum* pour le rendre plus littéralement que l'adjectif *adapté* ne le permet. Dans l'ensemble, une traduction plus littérale met en valeur la proximité de la formule à celles choisies par Spinoza concernant l'*aptus*. “La ressemblance par image est considérée dans la nature humaine en ce qu'elle est capable de Dieu [*similitudo imaginis attenditur in natura humana secundum quod est capax Dei*], c'est-à-dire capable de l'atteindre par son opération propre de connaissance et d'amour [*propria operatione cognitionis et amoris*]. La ressemblance par vestige consiste seulement en une

tamente com o duplo aspecto da coerção estabelecido por Espinosa na sétima definição da primeira parte da *Ética*, a coerção sendo dita de uma coisa determinada por outra coisa externa [*ab alio determinatur*] (chamamos a isto o aspecto referencial da coerção, que já apontamos), por um lado, e determinada a existir e operar de uma maneira precisa e determinada [*ad existendum, et operandum certa, ac determinata ratione*] por outro (chamamos a isto o aspecto *operacional* da coerção, que ainda vamos desenvolver). A coerção é duplamente operacional no sentido de que é, de acordo com a definição espinosana, ao mesmo tempo causa e resultado da determinação. Se relermos esta passagem, com efeito, a coerção é a determinação de uma coisa externa sobre uma outra coisa para operar de uma determinada maneira⁴. A noção de operação tem uma história teórica que seria muito longo reconstituir aqui. Provavelmente remontaria a Aristóteles e sua noção de *ποιεσις*, ou, de maneira mais próxima para Espinosa, a Tomás de Aquino. Esta segunda história teórica iria mostrar, entre outras coisas, que a herança conceitual da *aptitudo* é a de uma retomada da *operatio* escolástica sem o seu esquema tomista de semelhança a Deus, mas explorada em – ou mesmo talhada para – esta estrutura causal nova, infinitamente coerciva⁵.

4 Esta dupla determinação contida na definição da coerção é interpretada por Pierre Macherey (1992, p. 73) como uma sobredeterminação. Nós não poderíamos estar mais de acordo com tal análise. No fundo, o conjunto deste artigo se propõe a precisar o que é esta sobredeterminação.

5 Ver “Jésus le Christ chez Saint Thomas d’Aquin” (Aquin, 2008, p.69). Nós modificamos ligeiramente a tradução para “colar” mais literalmente ao texto. Os negritos são nossos. Modificamos visando o restabelecimento completo do balanço comparativo que é bastante nítido no texto. E modificamos a tradução de *aptum* para torná-la mais literal do que permite o adjetivo *adaptado*. No conjunto, uma tradução mais literal dá relevo à proximidade da fórmula àquelas escolhidas por Espinosa no que tange a *aptus*. “A semelhança por imagem é considerada na natureza humana no fato de que ela é capaz de Deus [*similitudo imaginis attenditur in natura humana secundum quod est capax Dei*], isto é, capaz de alcançá-lo por sua operação própria de conhecimento e de amor [*propria operatione cognitionis et amoris*]. A semelhança por vestígio consiste somente em uma certa representação que o selo divino deixa na criatura; e é a única semelhança

Quoiqu'il en soit, conçue comme existence et opération double, la contrainte est un facteur primordial en tant que sur-détermination⁶ liant - inextricablement et infiniment (cette double dimension doit toujours être précisée) - l'individu concerné à une causalité extérieure. C'est dire que ce facteur doit être *simultanément* un référentiel, puisque cette sur-détermination opératoire n'existe que compte tenu du réseau des causes extérieures ayant poussé la chose à opérer ainsi. Mais immédiatement, la question se pose de savoir si ce référentiel est binaire, nécessitant que l'on précise : « ayant poussé la chose à opérer ainsi, *faute de quoi la chose serait détruite* ». Dans ce cas, la contrainte aurait force de sauvetage, et d'une détermination *sine qua non*.

Cette hypothèse semble valable - et étayable - pour deux raisons. D'abord parce que la contrainte, comme surdétermination opératoire, est

certaine représentation que la frappe divine laisse dans la créature ; et c'est la seule ressemblance qui se trouve dans la créature irrationnelle, incapable d'atteindre Dieu par son opération. **Or ce qui ne convient pas à moins ne convient pas davantage à plus** [*Quod autem deficit a minori, non habet congruitatem ad id quod est maius*]; **ainsi le corps qui n'est pas apte à recevoir son achèvement d'une âme sensible, est d'autant moins apte à être achevé par une âme intellectuelle** [*sicut corpus quod non est aptum perfici anima sensitiva, multo minus est aptum perfici anima intellectiva*].⁷ Voir également le traitement répertorié qu'en fait Macherey (1996, p. 37 et *sqq.*) , dont un passage est spécifiquement dédié à la notion d'opération, notamment à partir d'une analyse de la proposition 28 du *De Deo*. Remarquons que Macherey parle d'un aspect non-linéaire de la contrainte, mais en un sens tout à fait différent de celui que nous emploierons, à savoir comme un réseau de déterminations non horizontalement causal, selon l'exemple inertiel de la boule de billard par exemple, mais plutôt comme un réseau structural multiple, selon une logique d'entremêlements à l'infini (proche de l'image du tissage que propose Vittorio Morfino, 2010. Cette idée est liée au concept d'*opération*, dont Macherey (1996, p.80 et *sqq.*) a retracé jusqu'à Aristote la signification tout à fait structurel et machinique.

6 C'est en ce sens que la contrainte, qui est une nécessité, est *en même temps* une « force » (« *vim* ») ou « violence » comme le traduit Appuhn, ainsi que le précise la lettre 56 à H. Boxel. Car la détermination peut aussi être l'inverse d'une violence ou d'une force, puisqu'elle peut être libre.

Em todo o caso, concebida como existência e operação dupla, a coerção é um fator primordial enquanto sobredeterminação⁶ que vincula - inextricavelmente e infinitamente (esta dupla dimensão deve ser sempre especificada) - o indivíduo em questão a uma causalidade externa. Isto significa que este fator deve ser *simultaneamente* um referencial, uma vez que esta sobredeterminação operatória existe apenas em vista da rede de causas externas que forçaram a coisa a operar dessa maneira. Mas imediatamente coloca-se a questão de saber se esse referencial é binário, exigindo que se especifique: “ter forçado a coisa a operar assim, *senão a coisa seria destruída*”. Nesse caso, a coerção teria força de salvamento e de uma determinação *sine qua non*.

Essa hipótese parece válida - e sustentável - por dois motivos. Primeiro, porque a coerção, como uma sobredeterminação operatória, é *de*

que se encontra na criatura irracional, incapaz de alcançar Deus por sua operação. **Ora, o que não convém ao menor não convém ao maior** [*Quod autem deficit a minori, non habet congruitatem ad id quod est maius*]; **assim o corpo que não é apto a receber seu acabamento de uma alma sensível é tanto menos apto a ser acabado por uma alma intelectual** [*sicut corpus quod non est aptum perfici anima sensitiva, multo minus est aptum perfici anima intellectiva*].” Ver igualmente o tratamento repertoriado que disso faz Macherey (1996, p.37 e sqq.), livro no qual uma passagem é especificamente dedicada à noção de operação, notadamente a partir de uma análise da proposição 28 do *De Deo*. Notemos que Macherey fala de um aspecto não-linear da coerção, mas em um sentido totalmente diferente daquele que empregaremos, a saber, como uma rede de determinações não horizontalmente causal, segundo o exemplo inercial da bola de bilhar por exemplo, mas antes como uma rede estrutural múltipla, segundo uma lógica de entrelaçamentos ao infinito (próxima da imagem da trama de tecido proposta por Vittorio Morfino (2010)). Esta ideia é ligada ao conceito de operação, cuja significação estrutural e maquinaica Macherey (1996, p.80 e ss.) retraiu até Aristóteles.

6 É neste sentido que a coerção, que é uma necessidade, é ao mesmo tempo uma “força” (“vim”) ou “violência” como a traduz Appuhn, assim como o precisa a carta 56 a H. Boxel. Pois a determinação pode também ser o inverso de uma violência ou de uma força, já que ela pode ser livre.

de facto infinie, Spinoza le signale souvent (voir par exemple la démonstration de la proposition 30 de la seconde partie). Ensuite parce que le *sine qua non* se signale dans plusieurs propos explicites de Spinoza, notamment au scolie de la proposition 39 de la cinquième partie, où la violence/force de la contrainte signalée dans la lettre 56 à Boxel trouve une explicitation : Spinoza dit en effet «*In hac vita apprime conamur* » («dans cette vie nous nous efforçons avant tout...») (ESPINOSA, 2014, p.535) de faire que l'individu se rende apte, face à la *menace* d'un *devenir-cadavre*. Or cette menace n'est pas simplement biotique.

L'axiome de la quatrième partie le signale : pour toute chose donnée, il existe une chose qui a le pouvoir de la détruire, cette chose pouvant être a priori n'importe quoi, humaine ou non-humaine.

Etant donnée une chose quelconque, il y en a une autre plus puissante par qui la première peut être détruite. [*Quacunque data datur alia potentior, a qui illa data potest destrui*] (SPINOZA, 2014, p.345)

Cet axiome est souvent lu comme une explicitation générale des causes de la mort des individus, et donc selon une *postériorité* de la destruction d'une chose sur sa « donation ». L'interprétation commune qui en ressort généralement est la suivante : une chose étant donnée, elle sera détruite par une autre chose plus puissante. Or, l'axiome évoque une simultanéité. Il est tout à fait possible de comprendre qu'une chose est donnée, c'est à dire existe et opère d'une façon déterminée simultanément à la donation d'une autre chose pouvant détruire la première, voire *parce qu'*une autre chose existe qui a le pouvoir de la détruire. Inversion de perspective productive, pensons-nous, puisqu'elle permet de comprendre la contrainte comme une véritable opportunité de la pression destructrice extérieure. La contrainte serait heuristique : parce qu'il y a possibilité de destruction, il existe une surdétermination des individus les uns par les autres. Car la contrainte, comme opération surdéterminée, n'est pas en

fato infinita, o que Espinosa frequentemente assinala (ver, por exemplo, a demonstração da proposição 30 da segunda parte). Em segundo lugar, porque o *sine qua non* é assinalado em várias propostas explícitas de Espinosa, notadamente no escólio da proposição 39 da quinta parte, em que a violência/força da coerção relatada na carta 56 a Boxel encontra uma explicitação: Espinosa diz com efeito “*In hac vita apprime conamur*” (“nesta vida nós nos esforçamos acima de tudo”) (ESPINOSA, 2015, p.573) para fazer o indivíduo tornar-se apto, face à *ameaça* de um *tornar-se-cadáver*. Ora, essa ameaça não é simplesmente biológica.

O axioma da quarta parte assinala: para cada coisa, há uma coisa que tem o poder de destruí-la, sendo esta a priori qualquer coisa, humana ou não humana:

Dada uma coisa qualquer, é dada uma outra mais potente pela qual aquela pode ser destruída. [Quacunque datâ datur alia potentior, à quâ illa data potest destrui] (ESPINOSA, 2015, p.381)

Este axioma é frequentemente lido como uma explicitação geral das causas da morte dos indivíduos e, portanto, de acordo com uma *posterioridade* da destruição de uma coisa em relação a sua “doação”. A interpretação comum que geralmente daí decorre é a seguinte: uma coisa sendo dada, será destruída por outra coisa mais potente. Ora, o axioma evoca uma simultaneidade. É bem possível entender que uma coisa é dada, isto é, existe e opera de maneira determinada, simultaneamente com a doação de outra coisa que pode destruir a primeira, ou até *porque* existe outra coisa que tem o poder de destruí-la. É uma inversão da perspectiva produtiva, pensamos, uma vez que permite entender a coerção como uma verdadeira oportunidade da pressão destrutiva externa. A coerção seria heurística: porque há uma possibilidade de destruição, há uma sobre-determinação dos indivíduos uns pelos outros. Pois a coerção, como operação sobre-determinada, não está em *oposição* ao funcionamento próprio de uma coisa.

opposition avec le fonctionnement propre d'une chose. Nous voyons ainsi la façon dont Spinoza va réutiliser du vocabulaire classique pour former un groupe conceptuel inclassable à son époque.

Pierre Macherey le dit bien, dans son ouvrage *Avec Spinoza*, la surdétermination de la contrainte «s'ajoute à la détermination propre à la réalité d'une chose singulière, de manière à en altérer le fonctionnement, par exemple en l'ajustant à un ordre extérieur» (MACHEREY, 1996, p.70)⁷. Macherey nous incite à penser que la contrainte ne serait pas l'autre de l'activité spontanée de la chose, mais plutôt une forme d'enrôlement dans un régime des fins qui n'appartient pas à cette chose. La question que nous pouvons poser, alors, est la suivante : une chose qui se déterminait auparavant en propre peut-elle faire *sienna*, s'approprier, la surdétermination, une fois contrainte ? Nous pensons que l'aptitude répond à ce problème.

En effet, comme le suggère Macherey lui-même à la page 81 de son ouvrage, Spinoza reprend la distinction aristotélicienne κινεσις/ενεργεια, comme mouvement conséquent à une fin externe dans le premier cas (*causa transiens*) et activité propre de la chose dans le second (*causa immanens*). La chose opère selon le modèle technique (ποιεσις) d'une action des causes extérieures obligeant celle-ci à se conformer à des fins précises. Or Macherey ne signale pas que cette distinction fondamentale joue à plusieurs niveaux, notamment dans la reprise de l'opposition entre πεφυκος et δυναμις d'une part, que l'on retrouvera chez Spinoza dans la distinction aptitude/puissance, mais surtout dans la distinction *aptitudo/accommodatio*. Si l'accommodement est un processus aveugle de contrainte infinie s'exerçant sur tout individu, donc une reprise non technique de la *causa transiens*,

7 Nous surlignons. La contrainte ne s'oppose donc pas à la liberté dit Macherey, ni même au fonctionnement propre de la chose, simplement elle oblige (terme que Spinoza choisit à plusieurs reprises et que Macherey ne restitue pas) la chose à se comporter autrement, elle «l'inscrit dans le réseau indéfini de relations externes». Nous souhaitons continuer cette analyse dans le sens d'une inscription exigeante et adaptative de la contrainte, dont le nom est celui de l'accommodement. Nous allons voir comment.

Vemos, assim, como Espinosa reutilizará o vocabulário clássico para formar um grupo conceitual inclassificável em sua época.

Pierre Macherey diz bem, em seu livro *Avec Espinosa: a sobre-determinação da coerção* “se acrescenta à determinação *própria* à realidade de uma coisa singular, de modo a *alterar* seu funcionamento, por exemplo, *ajustando-a* a uma ordem externa” (MACHEREY, 1996, p.70 [itálicos nossos])⁷. Macherey nos incita a pensar que a coerção não seria o *outro* da atividade espontânea da coisa, mas sim uma forma de inserção em um regime de fins que não pertence a essa coisa. A questão que podemos colocar, então, é a seguinte: uma coisa que anteriormente se determinava por si própria pode fazer *sua*, *apropriar-se*, da sobre-determinação, uma vez coagida? Pensamos que a aptidão responde a esse problema.

De fato, como sugere o próprio Macherey na página 81 de seu livro, Espinosa retoma a distinção aristotélica κινεσις / ενεργεια, como movimento que segue de um fim externo no primeiro caso (*causa transiens*) e atividade própria da coisa no segundo (*causa immanens*). A coisa *opera* segundo o modelo técnico (ποιεσις) de uma ação de causas externas que a obrigam a conformar-se a fins precisos. Ora, Macherey não assinala que esta distinção fundamental atua em vários níveis, notadamente na retomada da oposição entre πεφυκος e δυναμις, de um lado, que reencontraremos em Espinosa na distinção na aptidão / potência, mas sobretudo na distinção aptidão / accommodatio. Se a acomodação é um processo cego de coerção infinita exercendo-se sobre todo indivíduo, portanto uma

7 A coerção não se opõe, portanto, à liberdade, diz Macherey, nem mesmo ao funcionamento próprio da coisa, simplesmente ela *obriga* (termo que Espinosa escolhe muitas vezes e que Macherey não restitui) a coisa a comportar-se diferentemente, ela “a inscreve na rede indefinida de relações externas”. Desejamos continuar esta análise no sentido de uma inscrição *exigente* e *adaptativa* da coerção, cujo nome é o de acomodação. Veremos como.

l'aptitude pourrait représenter l'intégration de cette contrainte dont les fins échappent à l'individu, afin de l'investir dans son propre référentiel interne. Or, pour comprendre cette conversion d'une surdétermination opératoire en activité propre, travail problématique de l'aptitude, il est tout à fait *nécessaire* de comprendre comment Spinoza réinstaure un genre nouveau de téléomatie qui ne serait pas téléologique.

Fameux est l'exemple de l'automate spirituel, mobilisé par Spinoza dans le paragraphe 86 du *Traité de la Réforme de l'Entendement* donnant de l'eau au moulin de l'interprétation anti-finaliste, mécaniste et réductionniste. Moins fameuse est l'idée que Spinoza avancera postérieurement, et qui viendra compléter cette théorie de l'automate spirituel : que l'âme peut être véritablement auto-motrice, non parce qu'elle est substance, non parce qu'elle est privilégiée, mais parce qu'elle peut se donner sa propre norme du vrai, et se proposer à soi une mise en ordre des affections imaginatives selon les « premières causes » qui leur reviennent. Or, on le sait, Spinoza glosera encore cette norme du vrai et du faux comme « indexation » du vrai et du faux.

L'automate spirituel ne possède donc pas seulement la valeur exemplaire d'un mécanisme de la pensée (ce qui constitue le motif récurrent principal de sa convocation dans les interprétations spinozistes), c'est également une modélisation de la direction intellectuelle qui peut être donnée à l'opération (Spinoza utilise la notion dans le paragraphe 86) de l'imagination, ou plutôt une organisation de cette opération selon un nouveau référentiel. En tant qu'automate, l'âme ne se donne pas seulement son propre mouvement de pensée, mais référence d'une nouvelle manière les affections extérieures. Que l'individu puisse être véritablement *auto-maton* signifierait que la contrainte a cessé de fonctionner uniquement transitivement, et que donc l'ensemble des opérations *complexes* d'un individu très composé seraient en partie *référencables* à l'activité de l'individu lui-même, comme cause interne. Mais cette remarque ne sera pas triviale si et seulement si l'individu peut concurrencer la nature comme référentiel

retomada não técnica da *causa transiens*, a aptidão poderia representar a integração desta coerção cujos fins escapam ao indivíduo, para investi-la em seu próprio referencial interno. Ora, para entender esta conversão de uma sobredeterminação operatória em atividade própria, trabalho problemático da aptidão, é realmente *necessário* compreender como Espinosa instaura um novo gênero de mecanicismo orientado que não seria teleológico.

Famoso é o exemplo do autômato espiritual, mobilizado por Espinosa no parágrafo 86 do *Tratado da Emenda do Intelecto*, que dá água ao moinho da interpretação antifinalista, mecanicista e reducionista. Menos famosa é a ideia que Espinosa avançará mais tarde, e que completará essa teoria do autômato espiritual: que a alma pode ser verdadeiramente automotora, não porque seja substância, não porque seja privilegiada, mas porque ela pode dar-se sua própria norma do verdadeiro, e propor a si mesma uma ordenação das afecções imaginativas de acordo com as “primeiras causas” que lhes cabem. Ora, como sabemos, Espinosa ainda glosará esta norma do verdadeiro e do falso como “índice” [*indexation*] do verdadeiro e do falso.

Por conseguinte, o autômato espiritual tem não só o valor exemplar de um mecanismo do pensamento (o que constitui o motivo recorrente principal de sua convocação nas interpretações espinosanas), mas é também um modelo da direção intelectual que pode ser dada à operação (Espinosa usa a noção no parágrafo 86) da imaginação, ou melhor, uma organização desta operação de acordo com um novo referencial. Enquanto autômato, a mente não se dá apenas seu próprio movimento de pensamento, mas referencia de uma nova maneira as afecções externas. Que o indivíduo possa ser verdadeiramente *auto-maton* significaria que a coerção deixou de funcionar só transitivamente, e que, portanto, o conjunto das operações *complexas* de um indivíduo assaz composto seriam parcialmente *referíveis* à atividade do próprio indivíduo como causa interna. Mas essa observação só não será trivial se e somente se o indivíduo puder ser um concorrente da natureza como referencial operatório na determinação

opérateur dans la détermination de l'action. En d'autres termes, il faudrait que l'individu très composé puisse contrer le problème de non-linéarité posé plus haut (celui d'un nombre fini de réponses affectives à donner à un nombre infini de sollicitations potentiellement contraires et contraignantes) en acquérant le pouvoir plus que relatif d'adapter pour son propre usage (donc pour ses propres fins) les causes extérieures, selon la formule de l'appendice de la quatrième partie de l'*Ethique*.

Nous voulons donc montrer

a) que l'aptitude chez Spinoza est une « utilisation fonctionnelle » de la variation affective continue que supporte un individu, en tant qu'elle est la singularisation complexe de l'accommodement.

b) que les « notions communes » jouent le rôle de cette fonctionnalité non téléologique, c'est-à-dire permettent que l'asymétrie des sollicitations extérieures quasi-infinies et des changements affectifs intérieurs finis soit corrigée comme organisation de la variation

c) que, conséquemment, l'individu peut retourner la contrainte extérieure à son propre avantage, permettant rigoureusement de dire qu'il s'adapte intentionnellement à son milieu, sans que l'on puisse entendre par « intentionnellement » autre chose qu'une captation à son propre avantage de la *causa transiens* qu'est la contrainte extérieure.

Voyons d'abord comment les points a) et b) peuvent être démontrés.

II. L'APTITUDE COMME SOLUTION À UN PROBLÈME DE COMPLEXITÉ :

Ce qu'Atlan dit de la théorie informationnelle de Von Neumann, nous pensons qu'il est possible de le dire de certaines positions spinozistes :

da ação. Em outras palavras, seria preciso que o indivíduo assaz composto pudesse fazer face ao problema de não linearidade colocado acima (o de um número finito de respostas afetivas a dar a um número infinito de solicitações potencialmente contrárias e coercivas) adquirindo o poder mais que relativo de adaptar para seu próprio uso (portanto para seus próprios fins) as causas externas, segundo a fórmula do apêndice da quarta parte da *Ética*.

Então nós queremos mostrar

a) que a aptidão em Espinosa é uma “utilização funcional” da variação afetiva contínua que um indivíduo suporta, na medida em que ela é a singularização complexa da acomodação.

b) que as “noções comuns” desempenham o papel dessa funcionalidade não-teleológica, isto é, permitem que a assimetria das solicitações externas quase infinitas e das mudanças afetivas internas finitas seja corrigida como organização da variação.

c) que, conseqüentemente, o indivíduo pode revirar a coerção externa em seu próprio benefício, permitindo rigorosamente dizer que ele se adapta intencionalmente ao seu meio, sem que se possa entender por “intencionalmente” outra coisa senão uma captação, em seu próprio benefício, da *causa transiens* que é a coerção externa.

Vejamos primeiro como os pontos a) e b) podem ser demonstrados.

II. A APTIDÃO COMO *SOLUÇÃO* PARA UM PROBLEMA DE COMPLEXIDADE

O que Atlan diz sobre a teoria da informação de von Neumann, achamos que é possível dizer de certas posições espinosanas:

Même si le concept de complexité ou complication n'est pas encore clairement et précisément défini, l'idée vague et intuitive que nous en avons nous fait percevoir les automates naturels comme des systèmes d'une complication extrême en ce que le nombre de leurs composants peut être extrêmement élevé. [...] Ce n'est que dans de tels systèmes qu'un rôle positif du bruit, par l'intermédiaire d'une ambiguïté-autonomie, peut coexister avec son rôle destructeur. (ATLAN, 1972, p.30)

En effet, pour peu que l'on nous accorde que le « bruit » – vocabulaire de la théorie de l'information passé en biologie contemporaine – pourrait être assimilé à la contrainte extérieure selon Spinoza, et que la « redondance » correspond au rapport très composé de mouvements et de repos d'un individu en tant qu'il peut accomplir de différentes façons la même action, ce dernier

du fait de ses nombreuses interconnexions, et pourvu que sa redondance initiale soit suffisamment grande, sera encore capable de fonctionner et sa quantité d'information totale aura augmenté. Cette augmentation peut être alors utilisée pour la réalisation de performances plus grandes, notamment en ce qui concerne les possibilités d'adaptation à des situations nouvelles, grâce à une plus grande variété des réponses possibles. (ATLAN, 1972, p.30)

Pour le même individu, il existe différentes périodes : l'aptitude peut s'accroître, la diversité affective venue de la contrainte extérieure est alors récupérée sous forme positive, l'aptitude peut décroître, la diversité affective venue de l'extérieur provoque alors une contradiction trop forte dans la redondance individuelle. Nous retrouvons une des intuitions du scolie de la proposition 39 de la cinquième partie. Atlan précise :

Le point intéressant ici, est que ces deux phases, alors même qu'elles s'effectuent dans des directions opposées du point de vue de la varia-

Mesmo que o conceito de complexidade ou complicação ainda não esteja clara e precisamente definido, a ideia vaga e intuitiva que temos dele nos faz perceber os autômatos naturais como sistemas de extrema complicação, na medida em que o número de seus componentes pode ser extremamente elevado. [...] Só em tais sistemas pode um papel positivo do ruído, através de uma ambiguidade-autonomia, coexistir com o seu papel destrutivo. (ATLAN, 1972, p.30)

Com efeito, por pouco que se nos conceda que o “ruído” – vocabulário da teoria da informação transposto para a biologia contemporânea – poderia ser assimilado à coerção externa de acordo com Espinosa, e que a “redundância” corresponde à relação assaz composta de movimentos e de repouso de um indivíduo enquanto ele pode realizar a mesma ação de maneiras diferentes, este último,

devido a suas muitas interconexões, e desde que sua redundância inicial seja suficientemente grande, ainda será capaz de funcionar e sua quantidade total de informação terá aumentado. Este aumento pode então ser utilizado para a realização de performances maiores, especialmente no que diz respeito às possibilidades de adaptação a novas situações, graças a uma maior variedade das respostas possíveis. (ATLAN, 1972, p.30)

Para o mesmo indivíduo, existem diferentes períodos: a aptidão pode crescer, a diversidade afetiva vinda da coerção externa é então recuperada sob forma positiva, a aptidão pode decrescer, a diversidade afetiva vinda o exterior provoca então uma contradição forte demais na redundância individual. Nós encontramos uma das intuições do escólio da proposição 39 da quinta parte. Atlan precisa:

O ponto interessante aqui é que estas duas fases, enquanto elas se efetuam em direções opostas do ponto de vista da variação de H [con-

tion de H [ensemble de la variété dans un système], sont le résultat des réponses de l'organisme à différents stades de son évolution, aux facteurs d'agressions aléatoires de l'environnement : ce sont ces mêmes facteurs responsables de la désorganisation progressive du système qui conduit ultérieurement à sa mort, qui ont précédemment «nourri» son développement avec complexification progressive. (ATLAN, 1972, p.30)

Le double aspect positif de la contrainte extérieure : « nourriture » affective d'une part et contrariété voire mort qu'elle provoque d'autre part, peuvent expliquer la conception spinoziste de l'aptitude. De même, le fait que la contrainte extérieure provoque une oscillation entre un minimum de variété permis par le corps composé donné, et le maximum de ce qu'il peut organiser en terme de variété affective, permet la résolution de certains passages de l'*Ethique*.

Peut-on alors dire, en toute rigueur, que l'aptitude est la description d'une sélection affective avec orientation, ce qui serait une version sérieuse d'une « adaptation » ? Nous pensons que cela est possible. L'individu très composé répond d'abord à un problème de complexité élémentaire : répondre à l'aide d'un ensemble fini d'affects à la contrainte extérieure quasi infinie. Nous avons montré ailleurs que cet accommodement singularisé devait servir à résoudre à l'intérieur du même sujet les contrariétés affectives qu'il expérimente⁸. Cela ne suffit pas. Il faut également montrer comment l'interconnexion affective *solutionne* le problème de la non-linéarité des « grands changements nécessaires» (cf E4 app. Chap.7) de la part de l'individu et du nombre d'accommodements «quasi infinis exigés pas la nature» (cf E4 app. Chap.6). Sans parler d'*inputs* et d'*outputs* ou de *stimuli*, qui ne peuvent être adéquats dans une vision spinoziste de la *connexio*⁹, il faut comprendre

8 Nous nous permettons de renvoyer à notre article « l'aptitude à s'adapter face au contraire et au confus » dans notre ouvrage à paraître, *op cit supra*..

9 Comme Vittorio Morfino l'a montré, la connexion est en effet non pas le processus causal linéaire 1 pour 1 d'une cause et d'un effet, mais un tissage interconnecté en

junto da variedade em um sistema], são o resultado das respostas do organismo a diferentes estágios de sua evolução, aos fatores de agressões aleatórias do ambiente: são estes mesmos fatores responsáveis pela desorganização progressiva do sistema que conduz ulteriormente a sua morte, que precedentemente “alimentaram” seu desenvolvimento com complexificação progressiva. (ATLAN, 1972, p.30)

O duplo aspecto positivo da coerção externa: “alimento” afetivo de um lado e contrariedade, até mesmo morte, que ela provoca de outro lado, podem explicar a concepção espinosana da aptidão. Da mesma forma, o fato de que a coerção externa provoca uma oscilação entre um mínimo de variedade permitido pelo corpo composto dado, e o máximo do que ele pode organizar em termos de variedade afetiva, permite a resolução de certas passagens de Ética.

Pode-se então dizer, com todo rigor, que a aptidão é a descrição de uma seleção afetiva com orientação, o que seria uma versão séria de uma “adaptação”? Pensamos que isso é possível. O indivíduo assaz composto responde primeiro a um problema de complexidade elementar: responder com ajuda de um conjunto finito de afetos à coerção externa quase infinita. Mostramos em outro lugar que essa acomodação singularizada devia servir para resolver dentro do mesmo sujeito as contrariedades afetivas que ele experimenta⁸. Isso não é suficiente. É preciso igualmente mostrar como a interconexão afetiva *soluciona* o problema da não-linearidade das “grandes mudanças necessárias” (cf. E4 ap. cap 7) da parte do indivíduo e do número de acomodações “quase infinitas pela natureza” (cf. E4 ap. cap 6). Sem mencionar *inputs* e *outputs* ou *stimuli*, que não podem ser adequados em uma visão espinosana da *connexio*⁹, é preciso entender como o

8 Permitimo-nos remeter a nosso artigo “L’aptitude à s’adapter face au contraire et au confus”, inédito.

9 Como Vittorio Morfino mostrou, a conexão é, com efeito, não o processo causal linear 1 a 1 de uma causa e de um efeito, mas um tecido interconectado em rede.

comment l'individu fini parvient à répondre à cette *exigence* naturelle.

Or, il nous semble que précisément, ce sont ces problèmes que les propriétés communes permettent de solutionner. Spinoza, en effet, sous la forme d'un corollaire, récupère la démonstration de la proposition 39 de la seconde partie, dédiée aux propriétés communes, de la façon suivante :

D'où il suit que l'esprit est d'autant plus apte à percevoir adéquatement plusieurs choses que son Corps a plus de choses en commun avec les autres corps [*Hinc sequitur, quod Mens eo aptior est ad plura aequata percipiendum, quo ejus Corpus plura habet cum aliis corporibus communia*] (SPINOZA, 2014, p.163)

Il est évident que l'aptitude conçue auparavant comme accumulation de variété dans les précédentes occurrences est désormais liée à une possible mise en redondance, à travers le concept de communauté, permettant de subsumer sous soi un nombre quasi infini d'affections. L'individu n'est plus seulement apte parce qu'il peut « souffrir » un très grand nombre de changements et de modifications affectives, il est apte surtout parce qu'il est capable de ranger l'ensemble des modifications sous des propriétés redondantes, qui permettent d'envisager le changement, potentiellement perturbatoire et contradictoire, comme une répétition d'une propriété commune générale. À partir de cette occurrence de notre notion, donc, il s'agit non plus de faire varier la répétition du rapport de mouvement et de repos, en « nourrissant » le changement affectif. Inversement, l'aptitude sert à subsumer la variété sous un nouveau rapport, qui est celui de l'identité des propriétés entre la causalité extérieure et celle propre à l'individu. La fonction de la causalité extérieure change donc, puisqu'elle ne contrarie plus la communication entre les parties de la composition, mais alimente leur rapport stable.

réseau. Voir MORFINO, 2012.

indivíduo finito consegue responder a essa *exigência* natural.

Ora, parece-nos que, precisamente, estes são os problemas que as propriedades comuns permitem resolver. Espinosa, com efeito, na forma de um escólio, recupera a prova da proposição 39 da segunda parte, dedicada às propriedades comuns, como segue:

Daí segue que a Mente é tanto mais apta para perceber adequadamente muitas coisas, quanto mais seu corpo tem muitas coisas em comum com outros corpos [*Hinc sequitur, quod Mens è aptior est ad plura aedequatè percipiendum, quò ejus Corpus plura habet cum aliis corporibus communia*] (ESPINOSA, 2015, p.195)

É evidente que a aptidão concebida antes como acúmulo de variedade nas ocorrências precedentes é doravante ligada a uma possível colocação em redundância através do conceito de comunidade, que permite subsumir sob si um número quase infinito de afecções. O indivíduo não é mais apto apenas porque ele pode «sofrer» um grande número de mudanças e modificações afetivas; ele é apto sobretudo porque é capaz de alocar o conjunto das modificações sob propriedades redundantes, que permitem considerar a mudança, potencialmente perturbadora e contraditória, como uma repetição de uma propriedade comum geral. A partir dessa ocorrência de nossa noção, portanto, não se trata mais de fazer variar a repetição da relação de movimento e repouso «alimentando» a mudança afetiva. Inversamente, a aptidão serve para subsumir a variedade sob uma nova relação, que é a da identidade das propriedades entre a causalidade externa e aquela própria ao indivíduo. Logo a função da causalidade externa muda, já que não contraria mais a comunicação entre as partes da composição, mas alimenta a relação estável delas.

(MORFINO, 2012).

Dans l'ordre commun de la nature où chaque individu dans un premier temps développe ses aptitudes, toute affection contrariante (le contraire et le contrariant ne se recouvrent que partiellement chez Spinoza quoiqu'il les appelle tous deux « contraire » (*contrariae*), car le contraire implique une possible destruction, là où le contrariant peut être une simple paralysie, comme l'admiration par exemple. Spinoza désigne ces dernières par le verbe *opponere*¹⁰) est surprenante, parce qu'elle est déterminée par des causes extérieures infiniment variées. De même, il n'existe aucun moyen d'échapper au *terminus ad quem* vers lequel nous pousse aveuglément la contrainte. Effectué le lien entre aptitude et propriété commune, cette infinité contraignante se *dégraisse*, en ce qu'elle ne suscite plus une réponse par sollicitation, mais tout un ensemble de sollicitations peuvent recevoir la même modalité affective commune. Mieux, la contrainte est *aménagée* au sens où la fin-achèvement de la finalité brute issue de la contrainte peut permettre, à travers la variété affective qu'elle apporte, de rendre plus rapide l'apparition de cette « redondance » que sont les propriétés communes.

A ce point, il est possible de dire que la contrainte extérieure est comme retournée afin d'être rendue favorable. Le type de finalité aveugle qu'elle alimente va maintenant pouvoir participer à rendre l'individu adéquat à son environnement, et à la Nature en général. Spinoza cerne très précisément ce point d'inversion à partir de la proposition 7 de la cinquième partie. Dans la démonstration de cette proposition, il explicite en effet :

Un tel affect [un affect de la raison, se rapportant aux propriétés communes] reste toujours le même, et par conséquent les affects qui lui sont contraires et que n'alimentent [foventur] pas leurs causes extérieures devront s'y adapter [sese accommodare debebunt] de plus en plus jusqu'à ce qu'ils ne soient plus contraires [donec non amplius sint contrarii] (SPINOZA, 2014, p.495)

10 Voir sur ce point l'article de T. Barrier, 2018.

Na ordem comum da natureza, em que cada indivíduo em um primeiro tempo desenvolve suas aptidões, toda afecção contrariante (o contrário e o contrariante se sobrepõem apenas parcialmente em Espinosa, embora chame a ambos de “contrários” (*contrariae*), porque o contrário implica uma possível destruição, ao passo que o contrariante pode ser uma simples paralisia, como a admiração, por exemplo. Espinosa designa estas últimas pelo verbo *opponere*¹⁰) é surpreendente, porque é determinada por causas externas infinitamente variadas. Da mesma forma, não há como escapar do *terminus ad quem* para o qual a coerção nos impele cegamente. Feito o elo entre aptidão e propriedade comum, essa infinitude coerciva se adelgaça, na medida em que não mais suscita uma resposta para cada solicitação, mas todo um conjunto de solicitações pode receber a mesma modalidade afetiva comum. Melhor ainda, a coerção é *organizada*, no sentido de que o fim-acabamento da finalidade bruta resultante da coerção pode, através da variedade afetiva que ela traz, tornar mais rápida a aparição dessa “redundância” que são as propriedades comuns.

Neste ponto, é possível dizer que a coerção externa é como que revirada para que se torne favorável. O tipo de finalidade cega que ela alimenta agora poderá auxiliar a tornar o indivíduo adequado ao seu ambiente e à Natureza em geral. Espinosa delimita precisamente esse ponto de inversão a partir da proposição 7 da quinta parte. Na demonstração dessa proposição, ele explicita:

Tal afeto [um afeto da razão, *referindo-se às propriedades comuns*] permanece sempre o mesmo e, conseqüentemente, os afetos que lhe são contrários e que não são fomentados [*foventur*] pelas respectivas causas externas deverão adaptar-se mais e mais a ele [*sese accommodare debent*], até que não lhe sejam mais contrários [*donec non amplius sint contrarii*]. (ESPINOSA, 2015, p.533)

10 Ver sobre este ponto o artigo de T. Barrier (2018).

Désormais, c'est la contrainte elle-même qui, dans l'individu, s'*accommode* au référentiel interne. Dans les propositions qui suivent, jusqu'à la proposition 10, Spinoza explique comment précisément les affects qui se rapportent à un plus grand nombre de causes, parce que cette causalité plus nombreuse permettra à la fois une plus grande variété **et** une plus grande communauté, « alimenteront » les notions communes. L'accommodement à la variation perturbatoire, dès l'instant où l'individu apte se modifie affectivement *en rapport* (Spinoza utilise dans la proposition 7 l'expression « *refertur necessario* ») avec des propriétés communes, fonctionne comme l'inclusion de la détermination dans un nouveau référentiel causal. Ce qu'Atlan dit des modifications de l'information dans un système naturel donné, Spinoza pourrait très rigoureusement le dire des causes et finalités extérieures, dès lors que l'aptitude se charge de les convertir selon son avantage propre et de les ramasser dans un ensemble fini d'affections : «Après cet instant, elles sont intégrées, récupérées comme *facteurs* d'organisation» (ATLAN, 1972, p.34)¹¹.

11 Nous mettons en italiques. Notons également que finalement cette interprétation permet de corriger la théorie de la complexité telle que Balibar (1996) la présente dans son article « Individualité et Transindividualité chez Spinoza ». Il y définit la complexité en effet comme une structure d'échanges affectifs non statique, mais dynamique, où les individualités se modulent les unes les autres selon une combinaison infinie. Balibar, page 42, cerne tout à fait la question cependant : plus un individu est composé, plus il échange avec les causes extérieures, donc plus il est *complexe*, et donc plus il *risque* de côtoyer la nature : une théorie de l'accommodement en naît précisément. Chez Atlan, par opposition, on pense l'aptitude comme une réponse singulière à un problème de complexité individuelle (on y trouve d'ailleurs le dernier jalon pour un lien vers Simondon, tant recherché par Balibar : un individu est d'abord une solution à un *problème* naturel.) Certes, page 43, Balibar propose une version dynamique de l'équilibre (équilibre métastable), certes il propose une complexité de multi-niveaux (non seulement linéaire mais dans l'imbrication infinie des individus), il lui manque cependant une théorie de la transindividualité comme contrainte réversible, de l'aptitude comme adaptation de soi-même, à la fois contraignante et opérante, mais aussi de l'individualité se tenant comme référentiel devant les choses, *prae-stantius*.

Doravante, é a própria coerção que, no indivíduo, *se acomoda* ao referencial interno. Nas proposições seguintes, até a Proposição 10, Espinosa explica como precisamente as afecções que se referem a um maior número de causas – visto que essa causalidade mais numerosa permitirá simultaneamente uma maior variedade e uma maior comunidade – “alimentarão” as noções comuns. A acomodação à variação perturbadora, a partir do instante em que o indivíduo apto se modifica afetivamente *em referência* (Espinosa usa na Proposição 7 a expressão “*refertur necessario*”) a propriedades comuns, funciona como a inclusão da determinação em um novo referencial causal. O que Atlan diz das modificações da informação em um sistema natural dado, Espinosa poderia muito rigorosamente dizê-lo das causas e finalidades externas, desde que a aptidão se encarregue de convertê-las de acordo com seu benefício próprio e reuni-las em um conjunto finito de afecções: “Depois desse momento, elas são integradas, recuperadas como *fatores* de organização” (ATLAN, 1972, p.34 , itálicos nossos)¹¹.

11 Notemos também que finalmente esta interpretação permite corrigir a teoria da complexidade tal como Balibar (1996) a apresenta em seu artigo “Individualité e Transindividualité chez Espinosa”. De fato, ele ali define a complexidade como uma estrutura de trocas afetivas não estática, mas dinâmica, na qual as individualidades se modulam umas às outras em uma combinação infinita. Balibar, na página 42, no entanto, vai ao cerne da questão: quanto mais um indivíduo é composto, tanto mais ele troca com causas externas, logo tanto mais *complexo* ele é, e, portanto, mais ele *se arrisca* diante das solicitações naturais que podem desestabilizá-lo: uma teoria da acomodação daí nasce precisamente. Em Atlan, em contraste, pensa-se a aptidão como uma resposta singular a um problema de complexidade individual (encontra-se aí, aliás, o último marco para um laço com Simondon, tão procurado por Balibar: um indivíduo é, antes de tudo, uma solução para um *problema* natural). É verdade que, na página 43, Balibar propõe uma versão dinâmica do equilíbrio (equilíbrio metaestável); é também verdade que ele propõe uma complexidade de múltiplos níveis (não apenas linear, mas na imbricação infinita dos indivíduos), no entanto falta-lhe uma teoria da transindividualidade como coerção reversível, da aptidão como adaptação de si mesmo, a um só tempo coerciva e operante, mas também da individualidade mantendo-se como referencial diante das coisas, *prae-stantius*.

Précisons encore pour finir que cette réversibilité n'est en aucun cas une manière de *sortir* de la contrainte. Au contraire, celle-ci est toujours surdétermination. Elle ne fait que perdre son statut monopolistique de référentiel au sein de l'individu, puisque celui-ci, en tant que *mens praestantia* se tient devant les *circumstantia* avec un nouvel index fini (celui du rapport aux propriétés communes) lui permettant de répondre à cette surdétermination quasi infinie. La contrainte est toujours aussi déterminante, mais n'est plus le seul facteur d'explication de l'organisation affective intérieure d'un individu. Il reste néanmoins, comme le propose Atlan à la fin de son article, que cette même contrainte s'accommodant aux nouvelles finalités de l'individu, est la cause de la mort de celui-ci, selon l'autre interprétation possible de l'axiome de la partie 4. Alors, vie et mort restent *via* la contrainte absolument coexistantes dans l'individu et toujours absolument effectives. La contrainte est à la fois le « devenir-cadavre » définitivement perturbatoire *et* la possibilité de *nourrir* une nouvelle forme de redondance enveloppant la quasi-infinie variété des affections extérieures.

Mais laissons cette conclusion provisoire de côté et voyons immédiatement si, lors, il est possible de parler rigoureusement d'*ad-aptation* intentionnelle.

III. CONSTRUIRE L'INTENTION COMME PROCESSUS D'INTÉGRATION DE LA CONTRAINTE :

Dans un article de 1990, Edwin Curley (1990, p.40) propose de considérer que les causes finales sont un moyen d'explication entièrement fictionnel inadéquat pour toute compréhension distincte de la nature, mais qu'il n'en reste pas moins que cette explication téléologique reste une *aptitude* humaine. Il est possible de donner du sens à une telle assertion, si l'on comprend le rôle du renversement de référentiel opéré par l'aptitude. Le débat entre Curley et Bennett, objet de cet article, souffre d'une dose de confusion, surtout en raison d'un problème à s'entendre sur le référentiel de la cognition humaine, qui peut inclure le futur pour

Para concluir, precisemos ainda que essa reversibilidade não é de jeito nenhum uma maneira de *sair* da coerção. Pelo contrário, esta é sempre sobredeterminação. Ela apenas perde seu estatuto monopolístico de referencial no seio do indivíduo, uma vez que este, enquanto *mens praes-tantia* se mantém diante das *circumstantia* com um novo índice finito (o da referência às propriedades comuns) que lhe permite responder a esta sobredeterminação quase infinita. A coerção ainda é determinante, mas não é mais o único fator explicativo da organização afetiva interna de um indivíduo. Resta, contudo, como propõe Atlan no final do seu artigo, que esta mesma coerção, acomodando-se às novas finalidades do indivíduo, é a causa de morte dele, de acordo com a outra interpretação possível do axioma da Parte 4. Assim, vida e morte permanecem, *por meio* da coerção, absolutamente coexistentes no indivíduo e sempre absolutamente efetivas. A coerção é simultaneamente o “tornar-se cadáver” definitivamente perturbador e a possibilidade de *alimentar* uma nova forma de redundância envolvendo a quase infinita variedade das afecções externas.

Mas deixemos esta conclusão provisória de lado e vejamos imediatamente se, então, é possível falar rigorosamente de *ad-aptação* intencional.

III. CONSTRUIR A INTENÇÃO COMO UM PROCESSO DE INTEGRAÇÃO DA COERÇÃO

Em um artigo de 1990, Edwin Curley (1990, p. 40) propõe considerar que as causas finais são um meio de explicação inteiramente ficcional inadequado para qualquer compreensão distinta da natureza, mas que essa explicação teleológica não deixa de ser uma *aptidão* humana. É possível dar sentido a tal afirmação se entendermos o papel da reversão de referencial operada pela aptidão. O debate entre Curley e Bennett, assunto daquele artigo, sofre de uma certa dose de confusão, sobretudo devido a um problema em entrar em acordo acerca do referencial da cognição humana, que pode incluir o futuro para o primeiro, e que não o inclui para

le premier, qui ne l'inclut pas pour le second. Or la notion d'*aptior Mens* laisse hors-jeu ce débat, puisqu'elle permet la transition d'une référence extérieure de la détermination vers une causalité extérieure « alimentant » un *index éternel* des situations.

Si l'aptitude est une singularisation complexe de l'accommodement, peut-on dire qu'elle propose une *adaptation* de la contrainte, au sens fort, c'est-à-dire intentionnellement ? Si nous reprenons la définition proposée par A. Suhamy, qui nous semble parfaite, de l'adaptation comme le fait de « soumettre à notre usage, afin de développer nos *aptitudes*, les choses non humaines, en leur imposant des fins qui ne sont pas les leurs, et donc au besoin les décomposer, détruire, manger etc., selon les principes édictés dans la IV^e partie (prop. 37, scolie 1) ainsi que dans l'Appendice au chapitre 26 » est-il possible de dire que nous soumettons à notre usage la contrainte elle-même ?

Si la *transposition*, pour un usage ou une utilité individuelle, des fins qui appartiennent à la contrainte naturelle, est appelée aptitude, nous pensons qu'il est possible de définir l'aptitude comme un *ad-aptation* chez Spinoza. Nous pouvons même aller plus loin : cette transposition de fins extérieures contraignantes en utilité intérieure, à travers les apports contemporains de la biologie programmatique, permet de redéfinir chez l'amstellodamois une théorie non finaliste de l'adaptation intentionnelle, selon deux modalités principales :

- l'aptitude est chez Spinoza d'une nature duale : elle est une variabilité affective subie (Spinoza utilise le verbe *patitur* ou et presque toujours la dimension passive *affici*), qui est tout à la fois une condition de l'autonomie ou du non concours de l'individu. Or cette transposition, qui commence à solutionner un problème de complexité avec l'essor des notions communes, est également un processus mécanique d'*alimentation* utile des affects nés de propriétés communes. Le grand changement de soi-même comme neutralisation des affections contrariantes en soi, et comme alimentation mécanique des notions communes, est entièrement « aveugle », s'il s'agit de prendre le sens tout à fait nécessaire de la surdétermination

o segundo. Mas a noção de *aptior Mens* deixa esse debate fora de jogo, uma vez que permite a transição de uma referência externa da determinação para uma causalidade externa “alimentando” um índice eterno de situações.

Se a aptidão é uma singularização complexa da acomodação, pode-se dizer que ela propõe uma *adaptação* da coerção no sentido forte, isto é, intencionalmente? Se retomarmos a definição proposta por A. Suhamy, que nos parece perfeita, da adaptação como o fato de “submeter ao nosso uso, para desenvolver nossas *aptidões*, as coisas não humanas, impondo-lhes fins que não são os delas, e portanto, se necessário, decompô-las, destruí-las, comê-las, etc., de acordo com os princípios enunciados na Parte IV (proposição 37, escólio 1) e no Apêndice ao Capítulo 26”, é possível dizer que nós submetemos ao nosso uso a própria coerção?

Se a *transposição*, para uso ou utilidade individual, dos fins que pertencem à coerção natural é chamada aptidão, pensamos que é possível definir a aptidão como uma *ad-aptação* segundo Espinosa. Podemos até ir mais longe: esta transposição de fins externos coercivos em utilidade interna, por meio das contribuições contemporâneas da biologia programática, permite redefinir, na obra do amsterdamês, uma teoria não-finalista da adaptação intencional, conforme duas modalidades principais:

- a aptidão em Espinosa é de uma natureza dual: é uma variabilidade afetiva sofrida (Espinosa usa o verbo *patitur* e quase sempre a dimensão passiva de *affici*), que é ao mesmo tempo uma condição da autonomia ou do não concurso do indivíduo. Ora, essa transposição, que começa a resolver um problema de complexidade com o impulso das noções comuns, é também um processo mecânico de *alimentação* útil dos afetos nascidos de propriedades comuns. A grande mudança de si próprio como neutralização das afecções contrariantes em si, e como alimentação mecânica das noções comuns, é completamente “cega” se se trata de tomar o sentido totalmente necessário da sobredeterminação expressa na carta a Schuller.

exprimée dans la lettre à Schuller. Or, le mouvement n'est pas simple, il est complexe : l'individu se rend apte, se modifie, s'accommode aux propriétés communes autant que les fins extérieures, contraintes et transitives, s'accommodent en lui en nourrissant ce type d'affects. En tant que sujet moderne, cette mécanique affective s'effectue de façon totalement antifinaliste, comme le montrent les propositions 7 à 10 de la cinquième partie de l'*Ethique*. Cependant, en tant qu'individu complexe parvenant à transformer des affections potentiellement perturbatoires dans une direction utile, cet accroissement des aptitudes est intentionnel, car il est *tendu vers* l'indexation de toute affection sous les notions communes. La variation est *dirigée, tendue vers la direction* de l'utilité individuelle.

- La biologie programmatique et ses résultats thermo-dynamiques, mis en avant par Atlan, permettent de comprendre comment cette *in-tention* n'est pas téléologique. La contrainte naturelle, sur-déterminant l'individu en exigeant de lui qu'il souffre des contrariétés affectives perturbatoires, produit en lui des variations dans la communication de ses parties en composition. Du fait que cette perturbation contrariante est *contrainte*, donc *imposée*, elle est une « erreur », un défaut mécanique du au fait que l'individu est toujours une « partie de la nature » (comme le dit Spinoza dans la proposition 4 de la quatrième partie). Du point de vue seul du rapport de mouvement et de repos individuel (version spinoziste de la notion d'information en biologie contemporaine), cette perturbation est tout à fait négative. Mais en ce que cette perturbation est récupérée et comme *retournée* dans l'individu très apte, en tant qu'elle sert d'alimentation variée aux notions communes utiles (redondance fonctionnelle), elle *tend* vers un maximum; c'est-à-dire que l'individu essaiera autant que possible de transformer la contrariété en aliment utile, dans le seul sens possible pour éviter l'inflation des réponses : celui des notions communes. Il n'existe pas d'autre *direction possible* pour cette individu que de diriger la variation dans le sens d'une stabilité de niveau supérieur, permettant de « répondre » de façon finie à la contrainte infinie. Cette intentionnalité, qui est une conséquence du *conatus* individuel fini, dont la nature exige un accommo-

Ora, o movimento não é simples, mas complexo: o indivíduo se torna apto, modifica-se, acomoda-se às propriedades comuns, tanto quanto os fins externos, coercivos e transitivos, acomodam-se nele ao alimentar esse tipo de afetos. Enquanto sujeito moderno, esta mecânica afetiva se efetua de maneira totalmente antifinalista, como mostram as proposições 7 a 10 da Parte v da Ética. No entanto, enquanto indivíduo complexo que consegue transformar afecções potencialmente perturbadoras em uma direção útil, este crescimento das aptidões é intencional, pois é *inclinado* [“tendu”] *para* a indexação de toda afecção sob as noções comuns. A variação é *dirigida, inclinada* [“tendue”] *para a direção* da utilidade individual.

- A biologia programática e seus resultados termodinâmicos destacados por Atlan permitem compreender como essa *in-tenção* não é teleológica. A coerção natural, sobredeterminando o indivíduo ao exigir dele que sofra contrariedades afetivas perturbadoras, produz nele variações na comunicação de suas partes em composição. Como essa perturbação contrariante é *coerção* e, portanto, *imposta*, ela é um “erro”, um defeito mecânico devido ao fato de o indivíduo ser sempre uma “parte da natureza” (como Espinosa diz na proposição 4 da quarta parte). Apenas do ponto de vista da relação de movimento e repouso individual (versão espinosana da noção de informação na biologia contemporânea), essa perturbação é completamente negativa. Mas pelo fato de que esta perturbação é recuperada e como que *revirada* no indivíduo muito apto, na medida em que ela serve de alimentação variada para as noções comuns úteis (redundância funcional), ela *tende* para um máximo; isto é, o indivíduo tentará, tanto quanto possível, transformar a contrariedade em alimento útil, na única direção possível para evitar a inflação das respostas: a das noções comuns. Não há outra *direção possível* para esse indivíduo senão dirigir a variação no sentido de uma estabilidade de nível superior, que permita “responder” de maneira finita à coerção infinita. Esta intencionalidade, que é uma consequência do *conatus* individual finito cuja natureza exige uma acomodação quase infinita, é a *tendência* individual de utilizar *ao máximo* as afecções

dement quasi-infini, est la *tendance* individuelle à utiliser *au maximum* les affections extérieures pour établir une stabilité structurelle. Nous voyons donc que Spinoza a raison de poser le problème de la complexité physique *avant* celui du *maximum* d'états indexables sous les notions communes et *in fine* la connaissance du troisième genre. Le second ne se solutionne que par le premier, parce que chaque individu, en tant que partie de la nature, est d'abord en proie à un ordre commun, c'est-à-dire à un ordre aléatoire (pour lui, et non du point de vue de la nature elle-même) qui peut provoquer de la contrariété. Complexité individuelle et aptitude à rendre maximale cette diversité affective pour alimenter sa *praestantia* sont deux faces du même problème.

Cette façon de (se) tenir muni des premières causes devant (*prae-stantia*) les *circumstantia* est une transposition à son propre usage de la finalité extérieure, non apprêtée et non aménagée lorsqu'elle suit l'ordre commun de la nature. Seulement, cette adaptation est *intentionnelle* uniquement dans la mesure où il n'existe pas d'autre possibilité que de diriger cette surdétermination vers ce qui sera le moins coûteux affectivement parlant (l'autre voie étant la confusion, la paralysie, voire la mort). Il ne s'agit pas d'une tendance comme *recherche* de la variation pour la variation. De même, cette *tension en soi* ou *tension vers soi* (*in-tension*) de la finalité extérieure ne supprime pas la leçon de l'axiome de la quatrième partie : toute affection extérieure n'est pas intégrable dans le rapport de mouvement et de repos d'un individu donné, ainsi le dernier mot reviendra à la contrainte en tant que contrainte, qui détruira le corps individuel *via* une affection absolument contraire. Ce qui nourrit l'aptitude à s'adapter de l'individu est précisément ce qui le mènera à la mort. Dans l'intervalle, l'individu tend à l'intégration d'un maximum de variation affective possible sous les propriétés et notions communes, parce que cela lui permet de se tenir devant un maximum de contextes extérieurs.

Cette tendance n'est pas une propriété *psychologique* d'envisager le futur et de référencer ses actions en fonction d'une utilité postérieure. La

externas para estabelecer uma estabilidade estrutural. Vemos, portanto, que Espinosa tem razão em colocar o problema da complexidade física *antes* daquele do *máximo* de estados indexáveis sob as noções comuns e, *in fine*, o conhecimento do terceiro gênero. O segundo só é resolvido pelo primeiro, porque cada indivíduo, como parte da natureza, está antes de tudo frente a uma ordem comum, isto é, a uma ordem aleatória (para ele, e não do ponto de vista da própria natureza) que pode provocar contrariedade. Complexidade individual e aptidão a maximizar essa diversidade afetiva para alimentar sua *praestantia* são duas faces do mesmo problema.

Esta maneira de se sustentar munido das primeiras causas diante (*prae-stantia*) das circunstancia é uma transposição, para o seu próprio uso, da finalidade externa, não preparada nem organizada quando segue a ordem comum da natureza. Só que essa adaptação é *intencional* apenas na medida em que não há outra possibilidade senão dirigir essa sobre-determinação àquilo que será o menos custoso, afetivamente falando (a outra via é a confusão, a paralisia, e até mesmo a morte). Não se trata de uma tendência como *busca* da variação pela variação. Do mesmo modo, essa *tensão em si* ou *tensão em direção a si* (*in-tensão*) da finalidade externa não elimina a lição do axioma da quarta parte: nem toda afecção externa é integrável à relação de movimento e repouso de um dado indivíduo, assim a última palavra caberá à coerção enquanto coerção, que destruirá o corpo individual *por meio de* uma afecção absolutamente contrária. O que alimenta a aptidão a adaptar-se do indivíduo é precisamente o que o levará à morte. Enquanto isso, o indivíduo tende à integração de um máximo de variação afetiva possível sob as propriedades e noções comuns, porque isto lhe permite sustentar-se diante de um máximo de contextos externos.

Essa tendência não é uma propriedade *psicológica* de contemplar o futuro e referenciar suas ações em função de uma utilidade posterior. A

conception simultanée de l'aptitude, évidente dans toutes ses occurrences, est au contraire la marque d'un processus de concomitance de la variété contraignante et de l'indexation utile. L'individu très composé ne *visé* pas l'accroissement de ses aptitudes. Il faut plutôt dire que, une fois les propriétés communes de plus en plus effectives en lui, l'ensemble des affections extérieures, d'autant plus nombreuses que le corps est composé, se *rappoient* à ces notions communes parce qu'elles consistent dans la façon la plus efficace de s'accommoder à la contrainte quasi-infinie; par là, l'individu est rendu apte à s'accommoder à de nouvelles affections postérieures. Que l'aptitude s'accroisse dans le temps ne signifie pas 1) qu'il existe une conscience projective vis-à-vis de cet accroissement, 2) que l'indexation de la variation affective sous les notions communes soit un processus temporel (Spinoza insiste bien sur le caractère éternel de l'identité adéquate des propriétés communes dans le tout et dans les parties).

Une dernière difficulté subsiste néanmoins. Que la surdétermination affective extérieure s'*ad-apte* en l'individu à des affects stables et redondants n'indique pas nécessairement qu'il doive tendre vers un maximum de variation indexée. En effet, l'individu ne pourrait-il se contenter d'un ensemble fini de contextes affectifs une fois effectives les propriétés communes, sans accroître nécessairement le nombre des affections nouvelles proposées par l'ordre commun de la nature ? En d'autres termes, qu'est-ce qui empêche que, passé un certain seuil de contextes de contrainte extérieure aménagés grâce aux notions communes, l'individu n'en reste là, et stagne du point de vue de la quantité d'affections psychophysiques à supporter ? Dit encore d'une autre façon, et selon le vocabulaire du scolie de la proposition 39 de la cinquième partie, pourquoi l'individu très composé n'en reste-t-il pas une simple pluralité affective (*plurimum*) et tend mécaniquement à une intégration optimale de variation (*maximum*) ? L'option d'une stagnation affective est refusée autant par le texte de Spinoza que par la biologie programmatique moderne.

concepção simultânea da aptidão, evidente em todas as suas ocorrências, é, ao contrário, a marca de um processo de concomitância da variedade coerciva e da indexação útil. O indivíduo assaz composto não *visa* o crescimento de suas aptidões. Deve-se antes dizer que, uma vez que as propriedades comuns sejam cada vez mais efetivas nele, o conjunto das afecções externas, tanto mais numerosas quanto o corpo é mais composto, *refêrem-se* a essas noções comuns porque elas consistem na maneira mais eficaz de acomodar-se à coerção quase infinita; dessa maneira, o indivíduo é tornado apto a acomodar-se a novas afecções posteriores. Que a aptidão cresça com o tempo não significa 1) que exista uma consciência projetiva para com esse crescimento, 2) que a indexação da variação afetiva sob as noções comuns seja um processo temporal (Espinosa insiste no caráter eterno da identidade adequada das propriedades comuns no todo e nas partes).

Uma última dificuldade, entretanto, permanece. Que a sobre-determinação afetiva externa se *ad-apte* no indivíduo a afetos estáveis e redundantes não indica necessariamente que deva tender para um máximo de variação indexada. De fato, não poderia o indivíduo contentar-se com um conjunto finito de contextos afetivos, uma vez que sejam efetivas as propriedades comuns, sem necessariamente aumentar o número das novas afecções propostas pela ordem comum da natureza? Em outras palavras, o que impede que, ultrapassado um certo limiar de contextos de coerção externa organizados graças às noções comuns, o indivíduo permaneça ali, e fique estagnado do ponto de vista da quantidade de afecções psicofísicas a suportar? Dito ainda de outra maneira, e segundo o vocabulário do escólio da proposição 39 da quinta parte, por que o indivíduo assaz composto não permanece uma simples pluralidade afetiva (*plurimum*) e tende mecanicamente a uma integração ótima de variação (*maximum*)? A opção de uma estagnação afetiva é rejeitada tanto pelo texto de Espinosa quanto pela moderna biologia programática.

Pour ce qui concerne Spinoza, la réponse a déjà été en partie donnée. La variation affective n'est pas seulement temporellement plurale et croissante, elle est logiquement (donc éternellement) maximale, puisque l'adaptation affective ne signifie pas que l'individu *échappe* à l'accommodement quasi-infini. En tant qu'individu très apte, il aménage à son usage la contrainte quasi-infinie, cela ne signifie pas qu'il sortirait de la sollicitation permanente pour autant. Il doit donc nécessairement, et mécaniquement, tendre vers la plus grande accumulation de variations affectives. Toute stagnation de l'aptitude est a priori exclue. Ce sont les notions communes en elles-même qui ne fluctuent pas, mais certainement pas la communication du rapport de mouvement et de repos.

Pour ce qui concerne la biologie programmatique, celle-ci nous aide une fois de plus à comprendre pourquoi l'individu naturel *tend* à l'indexation maximale d'états variables. L'ensemble de cette description d'une transformation du bruit (affections contraires et/ou perturbatoires) en redondance fonctionnelle (affects favorables et utiles à l'individu) n'est permise que pour les individus où peuvent coexister un nombre extrêmement élevé d'informations (ou de communication) entre ses parties élémentaires. Or, un tel individu ne peut sortir de l'interaction maximale qu'il entretient avec la contrainte. Si la contrainte perd son statut de référentiel primordial pour ce type d'individus, elle reste un facteur constant de surdétermination. Pour ce type d'automates que sont les individus naturels complexes, il existe une loi établissant un lien entre le facteur de détermination des erreurs dans le système et la capacité du même système à fournir un nombre de réponses « adaptées » à ces erreurs, par exemple en introduisant une redondance fonctionnelle. Comme le dit Atlan dans son article, *op.cit*, page 24 :

La loi de Ashby établit une relation entre la variété des perturbations, celle des réponses et celle des états acceptables. [...] Autrement dit, dans un environnement source d'agressions diverses imprévisibles, une

No que diz respeito a Espinosa, a resposta já foi parcialmente dada. A variação afetiva não é apenas temporalmente plural e crescente, é logicamente (portanto eternamente) maximal, uma vez que a adaptação afetiva não significa que o indivíduo *escape* da acomodação quase infinita. Enquanto indivíduo muito apto, ele organiza para seu uso a coerção quase infinita, o que todavia não significa que ele sairia da solicitação permanente. Portanto ele deve necessariamente, e mecanicamente, tender para o maior acúmulo de variações afetivas. Toda estagnação da aptidão está a priori excluída. São as noções comuns nelas mesmas que não flutuam, mas certamente não a comunicação da relação de movimento e repouso.

No que diz respeito à biologia programática, esta nos ajuda mais uma vez a entender por que o indivíduo natural *tende* à indexação maximal de estados variáveis. O conjunto desta descrição de uma transformação do ruído (afecções contrárias e / ou perturbadoras) em redundância funcional (afetos favoráveis e úteis ao indivíduo) é permitida apenas para os indivíduos em que pode coexistir um número extremamente elevado de informações (ou de comunicação) entre suas partes elementares. Ora, tal indivíduo não pode sair da interação máxima que ele tem com a coerção. Se a coerção perde seu estatuto de referencial primordial para esse tipo de indivíduo, permanece um fator constante de sobredeterminação. Para este tipo de autômatos, que são os indivíduos naturais complexos, existe uma lei que estabelece um vínculo entre o fator de determinação dos erros no sistema e a capacidade do mesmo sistema de fornecer um número de respostas “adaptadas” a esses erros, por exemplo, introduzindo uma redundância funcional. Como Atlan diz em seu artigo:

A lei de Ashby estabelece uma relação entre a variedade de perturbações, a das respostas e a dos estados aceitáveis. [...] Em outras palavras, em um ambiente que é fonte de agressões diversas e imprevisíveis, uma variedade na estrutura e nas funções do sistema é um fator indis-

variété dans la structure et les fonctions du système est un facteur indispensable d'autonomie. [...] On voit donc déjà comment dans des systèmes complexes, le degré d'organisation ne pourra être réduit ni à sa variété, ni à sa redondance, mais consistera en un compromis optimum entre ces deux propriétés opposées. (ATLAN, 1972, p.24)

Cet optimum trouvé, lorsqu'un nombre fini de réponses (telles que les notions communes) installe une redondance dans la variété continue, le fait de la loi elle-même n'est pas supprimée, qui instaure une relation entre composition individuelle et nombre de sollicitations auxquelles répondre. Même devenu autonome dans sa façon de répondre à ces sollicitations, l'individu tend naturellement à une intégration maximale de variables, sous la forme d'un fonctionnement optimum, jusqu'à sa mort.

CONCLUSION :

L'apport tout à fait majeur de la conception spinoziste de la contrainte consiste dans l'explicitation d'un processus de surdétermination, agissant à la fois comme facteur quasi-infini, et référentiel aveugle non-finalisé, mais potentiellement *dirigeable* pour les individus très composés. De ce point de vue, il est impossible de considérer que l'individu contraint peut se libérer de la contrainte si par là il s'agirait de ne plus la subir. Pourtant, avec l'aide de la biologie contemporaine, nous pouvons comprendre comment Spinoza parvient à formuler une conception rigoureusement *adaptive* de l'aptitude. Cette dernière notion est moins la marque d'une plasticité individuelle que d'une *stratégie*, pour reprendre un terme de Laurent Bove, visant à répondre à un problème de non-linéarité, qui dirige nécessairement l'accommodement individuel dans le sens d'une intégration *in-tensive* des finalités extérieures. Les notions communes jouent le rôle d'une organisation répétée de la diversité affective, détournant la contrainte de son opération aveugle initiale, et lui assignant une utilité maximale. En ce sens, toute *tendance* de l'individu à augmenter

pensável de autonomia. [...] Já podemos ver como, em sistemas complexos, o grau de organização não poderá ser reduzido nem à sua variedade, nem à sua redundância, mas consistirá em um compromisso ótimo entre essas duas propriedades opostas. (ATLAN, 1972, p.24)

Encontrado esse ótimo, quando um número finito de respostas (tais como as noções comuns) instala uma redundância na variedade contínua, não é suprimida a lei que instaura uma relação entre composição individual e número de solicitações a responder. Mesmo que tenha se tornado autônomo em sua maneira de responder a essas solicitações, o indivíduo tende naturalmente a uma integração maximal de variáveis, na forma de um funcionamento ótimo, até sua morte.

CONCLUSÃO

A contribuição mais importante da concepção espinosana da coerção consiste na explicitação de um processo de sobredeterminação, agindo simultaneamente como um fator quase infinito e como referencial cego não finalizado, mas potencialmente *dirigível*, para os indivíduos muito compostos. Deste ponto de vista, é impossível considerar que o indivíduo coagido poderia libertar-se da coerção se isso significasse não mais sofrê-la. No entanto, com a ajuda da biologia contemporânea, podemos entender como Espinosa consegue formular uma concepção rigorosamente *adaptativa* de aptidão. Esta última noção é menos a marca de uma plasticidade individual do que de uma *estratégia*, para tomar um termo de Laurent Bove, visando a responder a um problema de não-linearidade, que dirige necessariamente a acomodação individual no sentido de uma integração *in-tensiva* das finalidades externas. As noções comuns desempenham o papel de uma organização repetida da diversidade afetiva, desviando a coerção de sua operação cega inicial e atribuindo-lhe utilidade máxima. Nesse sentido, toda *tendência* do indivíduo a aumentar sua aptidão de ser afetado

son aptitude à être affecté de plus de manières à la fois doit être comprise comme une *solution* à un problème de complexité physique. Cette solution théorique néanmoins, ni dans le problème envisagé, ni dans sa résolution conceptuelle, n'est analysable selon le cadre du finalisme antique ou du mécanisme cartésien.

de várias maneiras simultaneamente deve ser entendida como uma *solução* para um problema de complexidade física. Essa solução teórica, porém, não é analisável, nem no problema visado, nem em sua resolução conceitual, segundo o quadro do finalismo antigo ou do mecanicismo cartesiano.

TO BE APT ACCORDING TO SPINOZA:
BETWEEN THE REFUSAL OF CLASSICAL
TELEOLOGY AND SELF-ORGANIZATION

ABSTRACT: The article aims to show that, taking a classical conception inherited from Descartes, Spinoza can refute the Cartesian argument for freedom and the Aristotelian argument for finalism by means of a theoretical structure that is impossible to classify in his time, by which he attempts to formalize self-organization as the foundation of intentionality. Based on an analysis of Spinoza's text and its understanding of coercion, the article intends to show that a certain number of notions and terms surrounding this theme were repositioned by Spinoza to solve a new problem, invisible before him.

KEYWORDS: Coercion, aptitude, accommodation, common notion, finality, consciousness, intention

RÉFÉRENCES :

- AQUIN, T. (2008) *Somme Théologique*. Paris : Editions du Cerf
- ATLAN, H. (1972) « Du bruit comme principe d'auto-organisation. ». In : *Communications*, 18. L'événement, p.21-36.
- BALIBAR, E. (1996) « Individualité et Transindividualité chez Spinoza ». In : MOREAU, P-F. *Architectures de la Raison*. Paris : ENS Editions
- BARRIER, T. (2018) « Suspension et stupéfaction : comment devenir inapte ? ». In : LEGEAY, V. *L'Essence Plastique*. Paris : Publications de la Sorbonne, Paris, p.81-92.
- CURLEY, E. (1990) « On Bennet's Spinoza : the issue of teleology ». In : MOREAU, P-F. *Spinoza. Issues and Directions*. Leyden : E. J. Brill.
- ESPINOSA, B. (2015) *Ética*. São Paulo: Edusp.
- MACHEREY, P. (1996) *Avec Spinoza*. Paris : PUF.
- MORFINO, V. (2012) *Le Temps et l'Occasion*, Paris : Classiques Garnier.
- _____. (2010). *Le Temps de la Multitude*. Paris : Editions Ams-

terdam.

SPINOZA, B. (1953) *Oeuvres de Spinoza*, Traduction: Appuhn, Paris: Garnier, 3 volumes.

_____. (2014) *Éthique*, Traduction: Pautrat, Paris: Seuil.

SUHAMY, A. (2018) « Les Accommodements raisonnables de Spinoza ». In :
LEGEAY, V. *L'Essence Plastique*. Paris : Publications de la Sorbonne, Paris.